

Ocupação e permanência Kura-Bakairi na universidade: entrevista com Eric Timoteo Iwyrâkâ Kamikiawa

Entrevistado: ERIC TIMOTEO IWYRÂKÂ KAMIKIAWA 

Universidade Federal do Mato Grosso | Cuiabá, MT, Brasil

kamikiawa@gmail.com

Entrevistador: JOSÉ BATISTA FRANCO JUNIOR 

Universidade da São Paulo | São Paulo, SP, Brasil

josebfrancojunior@usp.br

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i2pe206371

A crescente demanda por políticas de ações afirmativas com vistas a ampliar a presença de grupos politicamente minoritários na Universidade é uma constante no ecossistema acadêmico e institucional da última década, pelo menos. Longe de ser produto de uma ação benevolente do Estado, iniciativas desse tipo registram o engajamento dos próprios sujeitos em disputas pela conquista e garantia de seus direitos, com apoio e participação de setores da sociedade, movimentos organizados e de aliados acadêmicos. Nesse cenário, para construção do Especial *Ações afirmativas e políticas do conhecimento*, da Cadernos de Campo, convidamos diferentes interlocutores que têm participado e refletido a produção e condução das ações afirmativas na Universidade a partir de suas próprias trajetórias acadêmicas. Somando-se ao conjunto de reflexões de coletivos negros e interseccionais para garantia do acesso e permanência estudantil na pós-graduação, convidamos estudantes, pesquisadores e intelectuais indígenas para refletirem sobre as políticas, estratégias e ações afirmativas desenvolvias nas instituições que marcaram sua trajetória acadêmica ou onde têm atuado.

Em dezembro de 2022 convidamos o antropólogo Eric Timoteo Iwyrâkâ Kamikiawa para registrar suas experiências com a Universidade e, em particular, com a pós-graduação. Eric Kamikiawa é antropólogo indígena e pertence ao povo Kurâ-Bakairi, do Mato Grosso e atualmente cursa o mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) onde tem se dedicado a pesquisar a etnomusicologia Kurâ-Bakairi. Em 2021 Eric publicou o livro *Tadâwan Kurâ-Bakairi*, em que relata os usos e conhecimentos associados às flautas mágicas de seu povo. Ele atua como assessor técnico indígena no DSEI/Cuiabá MT. Também se apresenta como militante indígena, e atua como



e206371

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v31i2pe206371>

secretário da Associação Produtores Bakairi – Aldeia Alto Ramalho, Território Indígena Bakairi. A entrevista a seguir foi conduzida de forma remota por José Batista Franco Junior.

Cadernos de Campo: Para começar, você pode se apresentar, falar seu nome, de onde você veio e a que povo pertence, sua trajetória escolar?

Eric Kamikiawa: Olá, meu nome é Eric Timoteo Iwyrâkâ Kamikiawa, sou do povo Kurâ-Bakairi, nasci na aldeia Pakuera. Sou nascido e criado na terra indígena Bakairi, no município de Paranatinga, estado de Mato Grosso. A minha trajetória escolar começa na aldeia, desde a infância até o ensino médio, e a escola onde estudei se chama Escola Estadual Indígena Kurâ-Bakairi, uma escola básica, regular.

Cadernos de Campo: Pensando na sua trajetória acadêmica, como foi o processo de interesse e acesso à universidade?

Eric Kamikiawa: Falando propriamente da minha aldeia, na minha época, quando a gente estava terminando o segundo grau, antes mesmo de terminar, tive o sonho, interesse em estudar fora, fazer uma faculdade, uma graduação. Esse sonho era estudar na área de Ciências Sociais para depois chegar até a Antropologia, porque a minha ideia e também do meu povo, da minha família, era que a gente saísse para estudar, fazer faculdade, aprender os conceitos, as categorias, as várias conjunturas que o Estado tem – digo, no contexto de não indígena. E foi o que eu fiz. Em 2012, eu entrei na faculdade, no curso de Ciências Sociais pelo PROINDI – Programa de Inclusão Indígena.¹ Esse PROINDI também é fruto do movimento indígena, das lideranças indígenas que lutaram para que essas vagas para indígenas fossem disponibilizadas nas universidades.

Aqui, no Mato Grosso, foi para a UFMT, para a Universidade do Estado do Mato Grosso (Unemat) e também, a nível nacional, para outras universidades. Então esse movimento começa desde antes da minha chegada à universidade. Quando cheguei já existia o Programa que era um projeto piloto funcionando há dez anos. Por meio desse Programa eu fiz a faculdade de Ciências Sociais. Em 2017-2018 eu terminei a graduação, defendendo o meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre a Flauta Mágica, intitulado *Tadâwan Kurâ-*

¹ N. E.: Conforme a Pro-Reitoria de Assistência Estudantil da Universidade Federal do Mato Grosso, o PROINDI atende 13 dos 42 povos indígenas no estado: Arara, Bakairi, Bororo, Chiquitano, Irantxe, Karajá, Yawalapiti, Terena, Umutina, Xavante, Paresi, Guató e Nhambiquara. O programa foi iniciado em 2007 e tem contribuído com a formação de estudantes indígenas em nível de graduação nos cursos de Administração, Agronomia, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Ciências Sociais, Comunicação Social/Jornalismo, Direito, Enfermagem, Engenharia Florestal, Engenharia Sanitária e Ambiental, Farmácia, Geografia, Medicina, Nutrição, Serviço Social e Psicologia. Conforme informa da instituição, “o Programa está em fase de avaliação final para novas proposições no conselho superior”. Para mais ver: <https://www.ufmt.br/pro-reitoria/prae/pagina/proind/147>

Bakairi, em que trago este contexto falando sobre a etnomusicologia Kurâ-Bakairi, mas no viés da etnografia.

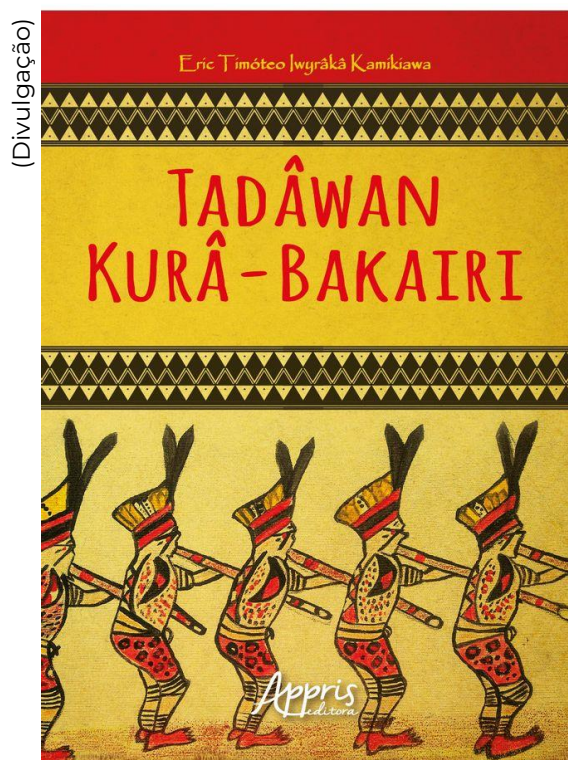


Figura 1. *Tadâwan Kurâ-Bakairi*, publicado por Eric em 2021 pela editora Appris.

Após o término da graduação, um ano depois, publiquei o livro, fruto do TCC. Hoje eu sou um autor, né? Um autor indígena Kurâ-Bakairi. Se não me engano, no município, sou o único indígena que publicou um livro no ano passado e logo depois fiz o seletivo para o mestrado em Antropologia Social na mesma universidade. Edaí começo uma outra trajetória, onde estou finalizando. Já cumpri os créditos, agora é escrever e qualificar.

O meu maior interesse em estar vivendo no mundo não indígena e frequentar a universidade foi por um interesse muito maior, para além da faculdade, para além de ser um cientista social que é a minha formação, porque eu acredito que, com faculdade, graduação, você consegue defender a sua causa, você consegue defender a sua casa, você consegue defender o seu povo. E eu não defendo só o meu povo, mas também todos os povos em nível nacional. A gente tá sempre participando do movimento, eu praticamente venho do movimento. Comecei a participar das grandes reuniões desde os 14 anos de idade, porque meus familiares sempre foram lideranças, estiveram presentes na Constituinte na década de 1980-90, então eu já vim desse movimento, já vim desse grupo, já vim dessa linhagem de estar interessado na defesa do nosso povo, então o meu interesse maior foi e está sendo até agora defender a causa mesmo, essa bandeira, por isso eu fiz a faculdade, estou fazendo mestrado e assim, se eu tiver gás, futuramente, quem sabe o doutorado.

Cadernos de Campo: Você participou de algum programa de apoio à permanência, teve apoio de bolsa no decorrer da sua vida acadêmica? Que tipo de oportunidades teve e que tipo de respaldo elas ofereceram pra que você pudesse se manter na universidade?

Eric Kamikiawa: Então, dentro do Programa de Inclusão Indígena, nós tínhamos uma bolsa permanência do qual era financiada pelo FNDE, que é o próprio Fundo da Educação, do Governo Federal. Então a gente estava vivendo com essa bolsa permanência, do que também tinha plano, cronograma aonde a gente não poderia reprovar duas ou três vezes em disciplinas, tinha que fazer parte de um grupo de extensão no caso o Pibic, PET Indígena, tudo isso a gente competia ali dentro, fazendo parte desses grupos.

A bolsa permanência também foi uma luta das lideranças indígenas, dos nossos líderes porque até então, antes da minha chegada já existia um grupo em parceria do Governo com a Funai, em que a bolsa permanência era metade da Funai e metade do Governo. Quando eu cheguei, em 2012 até 2017, já tinham mudado esse plano. O Governo tinha, definitivamente, feito um projeto para que a própria FNDE pagasse as nossas bolsas de permanência. Era a partir dessa bolsa permanência que a gente conseguia viver na cidade porque não tem como viver na cidade sem dinheiro, sem recurso dentro do capital aonde a gente pagava o nosso aluguel, alimentação, compra de materiais, tudo com essa bolsa permanência. E isso nos ajudou muito porque a gente não tinha como permanecer aqui, nossos familiares na aldeia e a gente aqui. Então foi um ponto positivo muito forte que ajudou a muita gente.

Eu também fiz parte de várias ações afirmativas ali dentro no que era voltada para pesquisas. No meu caso, eu fui bolsista da extensão, junto ao Departamento de História, fui bolsista do PIBIC junto ao próprio Departamento de Ciências Sociais, desenvolvendo projeto com as populações quilombolas em Chapada dos Guimarães – MT, como bolsista. Também desenvolvi um projeto voltado para a questão das pinturas corporais Kurá-Bakairi. Então fui apresentando esses trabalhos, do qual eu também tinha interesses e consegui desenvolver.

Cadernos de Campo: Quais foram as práticas e/ou estratégias da Instituição de Ensino Superior qual você cursou para a recepção e permanência de estudantes oriundos de Programas afirmativos?

Eric Kamikiawa: Nós tínhamos um acompanhamento muito de perto com a PROINDI. Tínhamos um bolsista que ajudava os alunos em várias áreas, em vários cursos na parte da informática, da engenharia, do português. Sempre tínhamos um bolsista não indígena e tinha um critério de escolha para esse bolsista. Ele tinha que estar no quinto semestre ou no final do semestre, senão não conseguiria ajudar os estudantes indígenas a se desenvolver. Também tínhamos a semana de seminários periódicos com a nossa coordenadora do

PROINDI que era a Carmen.² A Carmen sempre foi uma pessoa aberta, transparente e sempre foi voltada para as nossas causas, participando muito da parte da iniciação científica, na qual tem o PET Indígena, o Programa de Educação Tutorial Indígena. Então essas foram uma das práticas e estratégias que a gente participou.

Também sempre estávamos envolvidos nas nossas aldeias, nas Assembleias, nos Conselhos, nas reuniões. A gente sempre era chamado a participar das reuniões de questões políticas, também aqui dentro de Cuiabá, encontros com o Governo, com o Prefeito. Nós também éramos os mediadores dessas conversas quando os nossos líderes chamavam. Isso aconteceu muito e isso graças ao conhecimento que a gente estava gerando dentro da universidade, graças ao Programa de Inclusão, graças a essa iniciativa que as nossas lideranças tiveram para que pudéssemos estudar na universidade federal.

Em relação à recepção, nós tínhamos, quando era Proindiano, o conselho de estudantes indígenas, no qual eu também fiz parte sendo Presidente. Esse grupo organizava, juntamente com a instituição uma recepção para os calouros, quando esses novos alunos chegavam. Mostrávamos a eles aonde ficava o Restaurante Universitário, a Biblioteca, todas essas questões. Também, quem não tinha moradia, quem não conhecia ninguém, os alunos indígenas se ajudavam até se estabilizar, conseguir o seu aluguel, conhecer a cidade, a universidade, depois cada um seguia o seu caminho. Mas a gente, essa coletividade, tinha muita unidade, por mais que era dentro da cidade, essa é uma filosofia, uma essência muito forte em nós indígenas e a gente partiu dessa ideia para que ninguém pudesse ficar para trás, então em relação a isso, nós mesmos, estudantes indígenas, o nosso Conselho PROINDI, juntamente com a coordenadora, fazíamos essa recepção.

Cadernos de Campo: Olhando em retrospecto a partir da sua vivência e da própria conjuntura atual, como você avaliaria os 10 anos de ações afirmativas para ingresso à Universidade Pública no Brasil? Haveria pontos positivos ou negativos.

Eric Kamikiawa: Eu acredito que as políticas públicas no Brasil devem priorizar nossa sociedade minoritária, tanto na questão indígena, quilombola, ribeirinha e do branco pobre. Há essa possibilidade sim de fortalecer essas políticas públicas voltadas para esse ensino, saúde, bem-estar. Acredito que esse Governo dos últimos quatro anos foi drástico. Muitos cortes, abandono de setores que eram fiéis, voltados aos seus projetos, o que também atingiu os setores dos estudantes indígenas. Na UFMT, muitos alunos ficaram sem bolsas. Mas graças à iniciação científica, graças a esses outros projetos que existem ali dentro – e também de permanência, auxílio-moradia, auxílio-transporte – eles estão conseguindo permanecer. Mas acredito que o Brasil tem as universidades que abraçaram essa causa, no caso a Universidade Federal de São Carlos, e também aqui na Universidade Federal de Goiás, aonde eles estão desenvolvendo um projeto muito bom que está dando certo e tudo isso saiu do

² Professora Dra. Carmen Lucia Silva, Assistente Social e Antropóloga, ex-coordenadora do Programa de Inclusão Indígena – PROIND/PRAE/UFMT.

modelo do PROINDI. Antes de tudo, não existiu nenhum Programa antes do Programa de Inclusão Indígena – PROINDI. Então o modelo saiu daqui da Universidade Federal de Mato Grosso e a partir dessas, criaram, eu acredito assim, essas outras sobre vagas, essas outras políticas voltadas para estudantes indígenas.

Hoje, eu graduado, formado, ter conhecido essa outra malha, essa vivência na cidade como indígena, me sinto preparado também e agradeço muito as lideranças do meu povo, do movimento indígena que brigou tanto pra que a gente fosse inserido nesses espaços e hoje trabalho na instituição governamental, na área de saúde indígena, atualmente me encontro como Assessor Técnico Indígena, aonde trabalho como mediador, organizador, planejador e também contribuinte para a ação de políticas públicas voltadas para a saúde da população indígena. Hoje tenho o meu lugar como indígena, como pesquisador, como cientista, tenho profundidade para falar sobre o meu povo, sobre os indígenas, então essa parte é muito boa, muito positiva e sempre estou na aldeia, conversando com os meus parentes, com os meus caciques, com os meus líderes, com os meus pajés, com as crianças, mostrando o caminho certo a ser seguido.

Recebido em 4 de dezembro de 2022

Aprovado para publicação em 20 de dezembro de 2022